

As letras dos pequeninos

Literatura Infantil e Juvenil

Entrevista com o escritor e ilustrador português Afonso Cruz



Foto: Sapo PT

A terceira edição do Congresso Ibero-Americano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil (CILELIJ) teve lugar na Cidade do México, de 14 a 17 de novembro de 2016. Desta vez, houve presença portuguesa representada pelo escritor figueirense Afonso Cruz (1971).

Afonso Cruz é um homem multifacetado: escritor, ilustrador, realizador de filmes de animação, músico e entusiasta da cerveja artesanal. Se bem a sua trajetória literária começou há pouco tempo (2008), podemos constatar que o seu impacto e a sua produção dentro da literatura portuguesa já é bastante importante, com 25 títulos publicados sob seu nome e cerca de 31 livros onde colaborou como ilustrador. A qualidade do seu trabalho é apoiada pelo número de prémios literários que já recebeu ao longo da sua trajetória. Em 2009, ganhou o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco pelo seu livro *Enciclopédia da Estória Universal* (Quetzal Editores), seguido do Prémio Literário Maria Rosa Colaço em 2010 pela sua produção infanto-juvenil *Os Livros que Devoraram o Meu Pai* (Editorial Caminho). Depois, no ano 2010, recebeu o Prémio da União Europeia para a Literatura pelo romance *A Boneca de Kokoschka* (Quetzal Editores) e, em 2011, o Prémio Autores 2011 SPA/RTP pelo livro *A Contradição Humana* (Editorial Caminho), que também foi indicado dentro da lista de White Ravens 2011 e entrou na lista de honra do International Board on Books for Young People (IBBY).

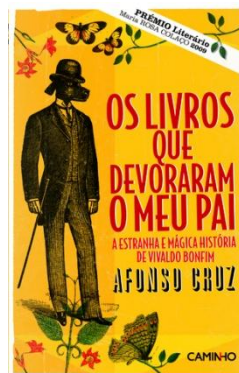


Foto: Editorial Caminho

Em espanhol, acessíveis no México, podemos encontrar os livros *Jesucristo bebía cerveza* (Alfaguara, 2014) e *La Muñeca de Kokoschka* (Rayo Verde, 2015), traduzidos por Roser Vilagrassa e Teresa Matarranz, respetivamente.

Durante a sua visita ao México, e como parte do CILELIJ, participou no painel “Lo simbólico en la LIJ”, onde falou sobre como utiliza o simbólico nos seus livros para expressar ideias e sobre como o simbólico ajudou a literatura portuguesa para se expressar durante o período da ditadura. Segue a transcrição da entrevista que Afonso Cruz (AC), gentilmente, concedeu ao Camões, I.C. no México (C):

C: Primeiro gostaria de agradecer a entrevista. Numa palestra falavas: “Não há livros para crianças e não há livros para adultos. Não acredito que haja livros que as crianças não possam ler”. Qual é o teu conceito de criança?

AC: Bom... o que eu quero dizer é que todos os bons livros não podem morrer na criança, ou seja, têm de sobreviver à criança, podem ser lidos por outras pessoas. O que normalmente acontece, pelo menos quando eu escrevo, é que escrevo um livro para expressar uma ideia, uma ideia que tenho, um conceito; e quando o faço, por vezes, sinto que esse livro pode ser lido por crianças, ou seja, não exclui as crianças. Mas não estou a pensar em escrever um livro só para crianças, ou seja, pretendo que os bons livros de literatura, o que se chama de literatura infantil e juvenil, são livros para toda a gente: são livros para os avós, que interessam aos avós, e que interessam igualmente às crianças. Se assim não fosse, ou se assim não for, o que acontece é que os livros têm uma efemeridade muito grande, ou seja, é um livro que serve para os 3 aos 4 anos; por exemplo, vamos a ensinar as cores: isto é laranja, aquilo é amarelo, aquilo é vermelho. Mas se não tiver mais interesse do que isto, se não tiver mais nada além de ser... de ter este objetivo didático de ensinar as cores, ele, a partir do momento em que a criança já sabe as cores, o livro já não serve para absolutamente mais nada. E, por isso, acho que é importante quando se escreve um livro... até porque, por exemplo, para ensinar as cores, não precisamos de necessariamente um livro desse tipo porque a maior parte dos livros têm cores e temos objetos em casa e podemos juntar objetos amarelos e dizer “amarelo”; não precisamos dum livro que o faça.

C: Quando estás a escrever ou a ilustrar, estás a pensar nos teus filhos ou não? Só pensas numa criança em geral?

AC: Não, porque eu não estou a pensar no meu público, não estou a pensar nos leitores. Estou a pensar que tive uma ideia e que vou tentar expressá-la da maneira que eu penso ser mais eficaz. Por vezes pode ser a través de desenho, pode ser a través dum poema, pode ser através dum romance, mas não estou a pensar propriamente, ou seja, não penso no público *a priori*.

C: As crianças estão sempre a desenhar, na escola, em casa, mas chega um ponto em que elas param. Numa entrevista falavas que ninguém sabe desenhar, mas com a prática as pessoas vão aprendendo. O mesmo sistema, seja educativo ou social, faz que as crianças deixem de desenhar. Tu, por que pensas que isso acontece e que é que as pessoas podem fazer para incentivar essa criatividade até a vida adulta?

AC: Nem toda a gente tem de ser criativa. Isso também não pode ser uma imposição porque, se for uma imposição, contraria já de si a ideia de criatividade, que implica liberdade também. E, portanto, nem toda a gente tem de ser criativa. Alias, eu li um texto em que defende, em que há uma personagem que defende precisamente o oposto, que ela ama a rotina, e é na rotina que se sente feliz portanto não na novidade, não na criação. Mas se houver motivo para o fazer, e se isso for importante para essa pessoa, ela própria a procurará naturalmente; mas com a ajuda da própria cultura, do diálogo entre culturas, ela ter acesso para a cultura é muito

importante, aquilo que já foi feito, aquilo que se está a fazer, novos tipos de pensamentos, novas ideias, novas maneiras de nos expressar-nos, etc. E, se tivermos acesso, é muito mais fácil, porque tudo isto depende dum hábito. É o hábito que faz a nossa excelência, portanto se praticarmos, se formos ouvindo cada vez mais, se formos vendo cada vez mais, e se isso se tornar um hábito quotidiano, vamos aprendendo cada vez mais e vamos mesclando ideias, mesclando coisas, e no final conseguimos efetivamente ter uma ideia original.

C: Falaste anteriormente, e isto é uma citação sua, que “os erros são a matéria prima de toda a criatividade”, justamente falávamos sobre a ideia de criatividade, “tirar do sítio certo as coisas para criar algo novo”. Como utilizas esse conceito na tua escrita e na tua ilustração?

AC: Sim, muitas vezes na própria criatividade depende do contexto. Por exemplo, se nós tivermos um pinguim no Polo Sul, não tem piada porque é o seu contexto. Mas, por exemplo, se o retirarmos do seu contexto e o pusermos numa geladaria já tem uma piada, bom, não tem piada nenhuma mas não interessa [risos]. O que importa é que quando tiramos as coisas do contexto, um pouco Marcel Duchamps fez no dadaísmo: por exemplo, pegar num urinol, retirá-lo da casa de banho e colocá-lo num museu virado ao contrário e chamá-lo “fonte”. Ou seja, retirou-o do contexto e quando se retira o contexto pode ser um objeto artístico porque já não corresponde àquilo que é expectável desse objeto, e muitas vezes é só isso. Como a criatividade não nasce do zero, nasce de misturas de ideias, no fundo é pegar num objeto e misturá-lo com outras coisas, por vezes pode ser o cenário. Pego numa coisa qualquer, ponho-a num cenário novo e ao, pôr num cenário novo, de repente tudo se torna completamente diferente...

C: Chocante, até!

AC: Exato! E pode ser até altamente chocante como ele, aliás. E agora que falaste isso de chocante, por exemplo a nudez é assim. A nudez, em determinadas situações, é perfeitamente aceitável, não é aceitável noutras situações. Ou seja, o contexto determina se aquilo é ofensivo, se, pelo contrário, é altamente erótico ou se não é nada disso, é simplesmente natural. E o contexto é muito isso, com também nossa própria intimidade, com uma série de coisas. Se retirarmos do contexto, as coisas podem ser ou horríveis ou lindíssimas, depende do ponto de vista.

C: E ganhar um novo significado

AC: E ganhar novos significados, um novo significado é precisamente dado por essas novas... por esses novos *inputs* que vão aparecer ao mudar o contexto.

C: Comentaste alguma vez que a escrita foi o que te abriu mais portas. Mas gostas mais de escrever ou de ilustrar?

AC: Não gosto mais nem menos. Isso depende daquilo que sinto, daquilo que quero transmitir. Gosto muito de desenhar e sinto-me muito bem com as palavras, são coisas diferentes. E é

um bocado como: gostas mais deste filho ou do outro filho, ou gostas mais de sair à tarde ou à noite. São coisas diferentes...

C: Mais sempre tem um filho preferido...

AC: Não tenho, não tenho. Temos relações diferentes. Lá esta. Porque são diferentes, mas são razões diferentes mas que não interferem com a capacidade de amar. Interfere isso sim, bom... há pessoas que também terão filhos preferidos, mas eu posso por exemplo dar-me melhor com um do que o outro, mas isso não quer dizer que eu ame mais ou ame menos, significa apenas que há uma empatia maior com um ou com outro.

C: Na tua opinião, como percebes a produção atual da literatura portuguesa? Seja para crianças ou para adultos.

AC: Para crianças não há muita gente a escrever, infelizmente. Há algumas pessoas incríveis, que são excelentes autores, mas não há tantos quanto há ou quanto apareceram para adultos. Eu acho que apareceu uma geração muito talentosa, em especial depois do... pós-Saramago, vá lá!..., e acho que continuam a aparecer. Continuam a aparecer pessoas a escrever e a escrever muito bem, acho que estamos a viver um bom período. Tem também um pouco a ver com o próprio 25 de abril ou com facto de estarmos a ser cada vez mais cultos e educados. Então, isso ajuda imenso a permitir-nos, por um lado, ter mais perspectivas e sonhar doutra maneira e, por outro lado, claro, sermos mais educados e isso permite-nos sermos mais cultos, permite-nos arriscar mais, ter coisas mais inovadoras, ser melhor naquilo que fazemos, e isso inclui até muitas áreas profissionais, não só a escrita. Porque o que é verdade é que também temos visto isso acontecer no desporto, no cinema, imensas áreas profissionais onde Portugal tem vindo a melhorar muitíssimo aos poucos.

C: Qual é a tua percepção que o mundo tem sobre a literatura portuguesa?

AC: Bom, isso eu não sei. Por vezes, somos muito desconhecidos, demasiado desconhecidos, e a maior parte das vezes, o conhecimento da literatura portuguesa no estrangeiro cinge-se a Saramago ou Pessoa. E até creio que duma maneira genérica começa a ser mais Saramago do que Pessoa, pelo menos, dentro dos leitores normais; académicos não porque, em fim, têm relações diferentes com a literatura, e se calhar conhecem Fernando Pessoa há muito mais anos do que conhecem Saramago. Mas, de qualquer maneira, somos relativamente pouco conhecidos, o que é uma pena.

C: Também falavas numa entrevista que como escritor confias nas traduções, eu sou tradutora e a pergunta vai um pouco por aí, que não sabias se a tradução era boa ou não, quando a tradução é para outras línguas que não conheces. Tu falas espanhol, então, o que pensas dessas traduções que foram feitas para espanhol?

AC: Em espanhol, porque as posso ler, claro, e por vezes, bom, isso acontece com todos os tradutores, na verdade. Todos os eles têm questões, têm dúvidas durante o processo tradução e que vou respondendo e claro, tenho de confiar. E mesmo em espanhol só verifico, verifico entre aspas, não é uma verificação propriamente, mas nos livros mais curtos, nos romances,

etc., tenho de assumir (e mesmo com os outros deveria de fazê-lo!), tenho de assumir esse estado de confiança tal como o faço com os outros, porque raio de motivo é que eu hei de desconfiar dum espanhol e quando não o faço com o húngaro. Não é? Não faz sentido. E, por isso, claro, se vejo alguma coisa ou se noto alguma coisa que não corresponde à minha ideia original, tento falar com o tradutor, mas também não tento impor; também acho que o próprio tradutor tem uma voz, não é?, quando... e também assina os livros, e, pronto, tem também algo a dizer. Até porque o meu conhecimento dessa língua que é traduzida não é tão grande que eu possa dizer: “Ah! Isto não está bem”. Posso colocar a dúvida: “Se calhar não era bem isto”, mas eu não sei qual é perceção que tem aquela frase junto dos espanhóis ou junto dos portugueses. Eu dou um exemplo muito simples: eu tenho um livro que é *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças*. Em português, no Brasil, não se usa “lava-loiça”, usa-se “pia” para o mesmo objeto, mas “pia” em português soa-nos mal, então “debaixo da pia” para um português soa mal. Mas essa é a apreciação dum português, mas não é apreciação dum brasileiro e, portanto, eu não diria: “Mudem, porque eu não gosto!”, isso não faz sentido. Agora, por acaso, o livro saiu no Brasil como *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças*, mas não por minha opção, mas por opção editorial.

C: E bom, já a última pergunta. Que é o que mais tens gostado do México agora na tua visita?

AC: Conheço pouquíssimo, estive há uns anos em Cancún como te disse. Mas agora como tenho estado no congresso vi muito pouco. Fui ao museu e fui ao bairro de Coyoacán e comi larvas de formiga, experimentei, e passei pelo mercado e pelo bairro, que é muito bonito... muito bonito.

C: Bom, muito obrigada, Afonso.

AC: Obrigado.

Recomendamos-vos, igualmente, dar uma olhada na música de Afonso. Ele faz parte do grupo de jazz Soaked Lamb. Eis o endereço do grupo: <http://soakedlamb.blogspot.mx/>.

Entrevista realizada a 17/11/2016 por Miriam Matías

Aluna finalista da Licenciatura em Língua e Literaturas Modernas – Portuguesas da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México e Bolseira do Camões, I.P. no México